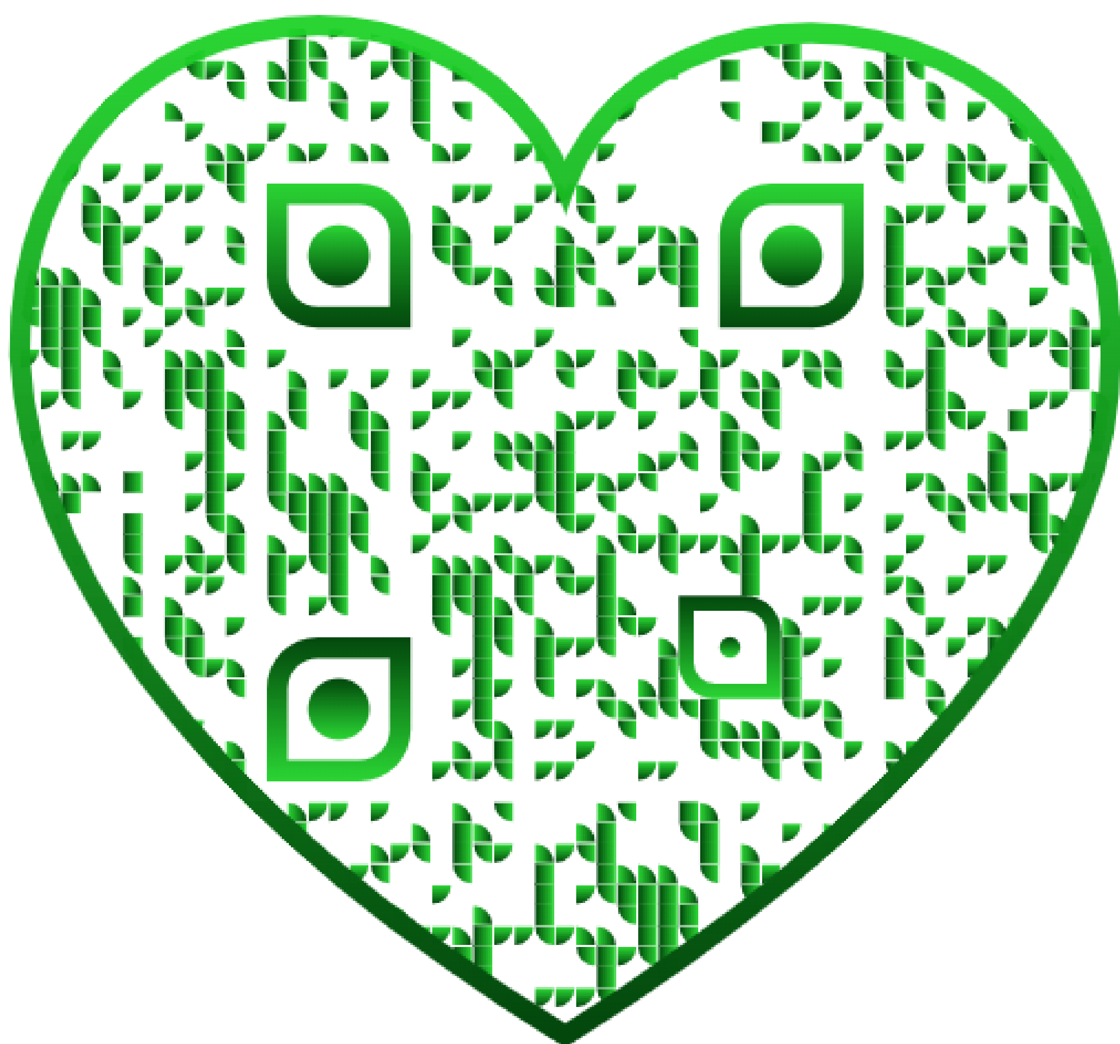

UM CONTO DE
KARINA ALFREDO
Quando menos se espera



PERIGOSAS NACIONAIS

Karina Alfredo

Quando Menos Se Espera

1° edição

PERIGOSAS ACHERON

Para minha vaquinha que me inspira com seus micos, Gabrielle Araújo.

Parte 1

PERIGOSAS ACHERON

Gabrielle

- OH A BANANADA.

- OH O SALGADINHO – os vendedores gritam ao meu redor, conforme me apresso pela estação.

- Merda, merda, merda – corro para não perde o trem – Não, não, não, não.

Entro com as portas já se fechando, meu corpo entra, já a bolsa... Não.

- Só posso ter tacado pedra na cruz – resmungo.

Tento puxar, mas não vem, corro o risco de rasgar a bolsa. Algumas pessoas me olham torto, mas não me ajudam, o que é normal dentro do Japeri.

- Te ajudo – um vendedor para perto de mim – Vou tentar abrir a porta, você puxa.

- Tá – sorrio fracamente em agradecimento e faço como ele pediu, quando ele abre uma frecha, puxo e ela sai – Obrigada.

- Que isso – ele da de ombros sorrindo – Tome mais cuidado da próxima vez.

- Dia ruim – suspiro.

Ele se agacha e abre a caixa de isopor que está dentro de uma sacola enorme que ele carrega pelos vagões vendendo bebidas.

- Aqui, falam que melhora – me estende uma garrafa de água e outra de Coca – Cola.

- Água apenas. – pego – Quanto é?

- Pra você, nada.

- Não posso aceitar. – digo envergonhada.

- De boa, sem problemas.

- Vai trabalhar, viado. – um outro vendedor passa e mexe com ele – Para de paquerar.

- Toma conta da sua venda. – ele diz num tom brincalhão.

O observo atentamente, enquanto bebo a água que desce redondo, literalmente. O dia foi tão corrido, que nem senti falta de beber algo.

- Vou nessa, se cuida. – ele pega sua bolsa com mercadorias e sai pelo vagão gritando, vendendo suas bebidas. Procuro um lugar para me sentar e acho, graças a Deus. Ainda bem que consegui

pegar esse trem, mais um pouco e eu enfrentaria a selva.

Pegar Japeri em horário de pico é enfrentar a selva literalmente, gente. Vence o melhor, é um empurra-empurra, trem parando por quase meia hora em estações ou entre duas estações, lotação total, aquele cheiro de suor, homem se aproveitando e alisando as mulheres.

Saí que nem foguete do cursinho para não enfrentar isso. Só hoje quase fui atropelada por duas vezes e prendi minha bolsa pelo lado de fora da porta do trem, imagina se eu enfrentasse essa "selva"? Com certeza seria o veado indefeso, que morre de primeira quando o rei da floresta aparece.

Falo isso, porque já passei... Para ter uma noção, já meti o pé no espaço entre o trem e a plataforma. Tenho os arranhões até hoje pela perna.

Ah, já fui pisoteada também! Tenho 1,65cm de altura, num dia tive o azar da porta do trem parar justo na minha frente e um bando de leões cansados e loucos para chegarem em casa, atrás de mim. Quando a porta foi aberta, fui empurrada e eu que não sou nada desastrada, para não dizer ao

contrário, caí.

É tanta história – mico – que se eu contar, dará um livro.

Quem passou por isso sabe como é, não é fácil... Mas temos que passar por isso. Ou é o trem ou o trânsito caótico.

- Próxima estação, Deodoro – o maquinista anuncia.

- Meu Deus, falta muito ainda – resmungo pegando meu celular para ouvir música – Merda.

"*Descarregado, maldito dia*" – penso.

A senhora de idade ao meu lado, me olha feio e acena negativo com a cabeça. A olho nos olhos, arqueando uma sobrancelha a desafiando.

Ai dela abrir a boca para falar algo, não trabalha, faz merda nenhuma se bobear e ganha todo mês seu salário da aposentadoria. Já eu não, enfrento um inferno do cacete para chegar nessa mordomia.

- Cara feia pra mim é fome. – ela diz ríspida.

- Mas o quê... – fico boqueaberta com a audácia dela.

- Cara feia para mim é fome – repete.

- Eu ouvi e não entendo o porquê de estar falando isso.

- Porque você esta me olhando feio. Ou sua cara é feia assim mesmo? – agora é ela quem arqueia uma sobrancelha me olhando curiosa.

- Minha senhora, desculpe, mas quem você pensa que é para falar assim comigo?

- Primeiro que a senhora esta no céu, me chamo Malvina – estende a mão, mas não a aperto e ela sorri – Cara feia e ainda mal educada.

- Mal educada é a senhora que está me ofendendo sem eu ter feito nada com a senho... Com você – rebato irritada.

- Eu vi você de papinho com o camelô... Jovens! – balança a cabeça negativamente – No meu tempo não era assim.

A olho sem entender, no mesmo tempo que quero rir, quero a mandar à merda também.

- Qual seu nome a propósito, cara feia?

- Gabrielle, velha rabugenta – ela enruga o nariz

quando a chamo assim e isso me faz rir de verdade.

- Velho é trapo. – rebate.

- Novinha você não é.

- Respeite os mais velhos, mocinha – desvia o olhar do meu – Tenho quinze anos – mexe nos cabelos grisalhos, o que me faz rir mais ainda.

- E eu não nasci ainda. – gargalho.

O resto de minha viagem passo conversando com ela e descubro que a abusada mora na mesma cidade que eu, Queimados. Mas mora pelo Centro, já eu não, me escondo no meio do mato no interior, se assim posso dizer.

E ela apesar de ser aposentada, ainda trabalha como empregada doméstica. O Estado enfrentando uma crise, atrasando o salário e empresas demitindo alguns, ela decidiu voltar à ativa.

É, as aparências enganam.

Parte 2

Malvina

- Ei, vó – Gabrielle se senta ao meu lado no banco, dentro do trem.

- Cara feia de fome – provoco.

- Já perdeu a graça de me chamar assim. – rola os olhos, mas vejo seus lábios tremendo, mostrando que a graça não passou ainda.

- Chegou cedo.

- Sim. – me olha desconfiada.

- Pena – dou de ombros – Sou louca para ver mais um dia que nem aquele, na primeira vez que nos falamos, onde você prendeu a bolsa pelo lado de fora e deu em cima do camelô bonitinho, descaradamente.

- Eu não dei em cima dele. – se defende irritada.

Me seguro para não rir, mantendo a cara de paisagem.

- Eu vi você o medindo de cima a baixo, garota. Assuma – cutuco – Não vou nem mencionar que ontem você comprou Coca – Cola, sendo que nem bebe.

- Ok, ok – se rende – Ele é bonito e gentil. E a Coca, comprei para repor o dinheiro da água que ele me deu naquele dia.

- Ok, e eu sou virgem. – olho para fora da janela.

Achei cena de filme, ela e ele juntos conversando depois de tirar a bolsa da desastrada da porta, na hora que ia ajudá-la, ele se aproximou.

E falando nele o vejo no final do corredor, aceno para que ele venha até mim, Gabrielle se remexe ao meu lado de cabeça baixa.

- Não se faça de tímida garota. – a cutuco com meu cotovelo.

- O que vai ser hoje, tia? - ele para em nossa frente sorrindo.

- Não sou sua tia e nem vem com a de avó – o corto - Odeio quando vocês jovens vem com essa "fala, tia", "cuidado vó", sei que é uma questão de respeito e é algo que quase não vemos mais. Só que

me incomoda, já que não sou da sua família.

Minha resposta o faz me olhar envergonhado.

- O que a senho...

- Melhor não a chamar assim também – Gabi o alerta – Você.

- Eu o quê? – pergunta duvidoso.

- Você não, ela – ela aponta para mim – A chame de você.

- Oh, ok.

Não contenho o riso, os dois me olham sem entender. Até que formam um casal bonitinho os danadinhos.

- Então – ele nos entreolha – O que vão querer ?

- Água – ela responde primeiro – Por favor.

- Uma Coca – peço.

Ele pega nossos pedidos, cada uma paga sua bebida, quando ele estava se afastando, a fuzilo com o olhar.

- Qual seu nome? – ela o pergunta.

Ele a encara por um tempo sorrindo e juro por

Deus, o sorriso dele é meio macabro que nem o do Coringa.

- Rodrigo e o seu?

- Gabrielle – respondo por ela – E o meu, Malvina.

Ela me olha fazendo careta, como se dissesse "Qual o teu problema?".

Me chamem de velha safada, mas é divertido os ver assim, principalmente ela que é fácil de se ler.

- Belos nomes.

- Só se for o dela, o meu não – bebo um pouco de minha bebida e volto a falar – Meus pais não me queriam, mas meus avós os proibiram de se livrar de mim, então para que eu nunca esquecesse isso, colocaram esse nome. O que faz lembrar Mal Vinda.

Ambos me olham com piedade, tristeza ou sei lá o que.

- Eu sinto muito – Gabi lamenta.

- Também sinto, não posso imaginar o que essa mulher deve sentir – finjo lamentação.

- O quê? É mentira?

- Óbvio que é, meus pais só não sabiam qual nome colocar, acharam que esse era bonito e diferente – ele tosse, escondendo o riso e ela me olha com ar de riso – Não acredito que acreditaram em mim ?

- Não a levarei a sério, depois dessa. – ela diz.

- Normal, ninguém me leva. Meu ex-marido não me levou e me traiu por quinze anos.

Eles me olham com certa dúvida no olhar, se acreditam ou não.

- Sério? – ela pergunta.

- Não – gargalho – Nunca me casei, sessenta e cinco anos curtindo a vida apenas.

- Duvido – Rodrigo diz.

- Sério, namorei uma vez apenas, o grande amor da minha vida. Só que Deus precisou dele e o levou de mim, desde então, não consegui ter mais nada sério – sorrio – Dessa vez é verdade.

- Quantos anos tinha? – ele pergunta.

- A idade de vocês... Meus vinte e poucos anos – na mesma hora, cenas me vem à mente – Foi com ele quem perdi minha virgindade, ele quem me ensinou

a ser forte e independente.

- Que lindo. – Gabi comenta com uma voz sonhadora.

- E triste – Rodrigo me olha sério – Admiro a senho... Você em não ter se envolvido de novo.

- Só me envolvo quando me apaixono e até agora, me apaixonei uma única vez. E vocês?

- Nunca me apaixonei – ela é a primeira a falar como sempre, quando pega intimidade, não cala a boca. Chega a ser chata, para falar a verdade.

- Não sei o que é bem paixão – ele diz pensativo colocando sua bolsa mais para perto dos meus pés – Falam que é algo passageiro, aquele sentimento forte que do nada some.

- Mal amados dão essa definição – comento.

- Como é se apaixonar? – ela me pergunta, os dois me olham com expectativa.

Essa viagem será longa... Não digo a de trem, mas a da minha história.

Parte 3

Rodrigo

- Cadê a três pés? – pergunto a dona Malvina.

- Atrasada... Se mantenha perto da porta por precaução – dá uma piscadela sorrindo e é o que faço, deixo minha bolsa com a caixa de isopor perto dela e vou para a porta.

O maquinista avisa que o trem está prestes a sair, coloco a cabeça para fora para ver se ela vem, mas nada dela. Isso me incomoda de certa forma.

- É, pelo jeito hoje a cara feia de fome se atrasou muito.

Malvina diz, quando o trem fecha as portas e dá um impulso para sair da estação da Central do Brasil. Minha vontade é de descer na próxima estação e voltar, para tentar a ver.

- Vendo vocês dois, me faz lembrar da minha época, sabe?

- Hum? – me sento no banco ao lado dela, vago.

- Sai dessa, sou velha, não cega – sorri – Em vez de saírem juntos e ver se rola, ficam nesse chove e não molha.

- A senho... merda. Você está interpretando errado, não temos nada. – pego minha bolsa – Mas, o quê exatamente, te faz lembrar de seu tempo?

- Que tínhamos mais coragem que vocês de hoje. – diz convicta – Sinto nervoso a cada dia com vocês dois se comendo com os olhos e não tomando nenhuma iniciativa.

- Não a como com os olhos – me defendo – Ela me come? Quer dizer, ela me olha?

- Lerdo – me dá um tapa na nuca – E você a come com os olhos sim.

- Talvez eu olhe – sussurro. – Só que ela não me olha.

- Você quem pensa.

- Conte-me mais. – peço interessado.

- Pergunte a ela. – acena para o final do vagão. Sigo seu olhar e lá esta minha garota de três pernas... Minha não, lá esta Gabrielle.

- Entrou pela janela? – dona Malvina implica quando ela se senta ao seu outro lado com um riso envergonhado.

- Quase isso. – responde me olhando – Oi.

- Oi.

Algo nela me atrai. Quando a ajudei a retirar a bolsa, só queria ser educado mesmo, mas quando a reparei... Não sei explicar. Tudo ao redor congelou, me deu aquela sensação de borboleta no estômago e tudo que os filmes e livros de romance passam.

Desde aquele dia, venho atrás dela nesse vagão na mesma hora. Tanto que fiz amizade com a dona Malvina, como já sabem, uma linda e adorável SENHORA. Me divirto com elas duas, praticamente não vendo nada na viagem que ela estão. Fico mais tempo com elas, que vendendo.

Sou vendedor ou melhor *camelô*, há cinco anos... Não, seis anos, acho.

Enfim, faz tempo... Porque me tornei isso em vez de ir procurar algo de carteira assinada? Porque eu faço meu horário, porque foram meses colocando currículo e nada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Então cá estou e falo, melhor escolha que eu fiz... Tiro férias quando quero, eu faço meu salário e não tem estado ou político para descontar algo desnecessário.

- Bem? – pergunto a ela.

- Sim e você? – sorri docemente.

- Bem também.

- Eu estou ótima – nossa velhinha se queixa emburrada no nosso meio – Onde estava, cara feia de fome?

- No primeiro vagão, entrei lá quando deu o último aviso.

- Que pena, contava em ver você presa na porta de novo.

- Eu não fiquei presa, a bolsa que ficou. – se defende.

- Tanto faz.

- Bom, tenho que trabalhar. Foi bom ver vocês. – me levanto.

- Hum... Foi bom te ver também. – ela abaixa a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

- Não vai convidar nossa amiguinha para ir junto com a gente no cinema?

- Cinema? – eu e Gabrielle falamos juntos, olhando para Malvina sem entender do que está falando.

- Sim, cinema... Você não me convidou para ir depois do trabalho, garoto? – me olha incentivando.

- Si-sim.

- Sei que sou irresistível, mas não podemos deixar ela de fora.

- Oh não, não posso.

- Por que não? – quando vejo já tinha perguntado.

- Não quero atrapalhar vocês dois.

- Não vai, até porque não tolero ir em cinema, então vão vocês dois.

Sorrio para ela, ô velhinha sapeca que passei a amar nesse momento. Apesar de seu jeito respondona, até que é solidária e ajuda o próximo.

- Não tolera? – Gabrielle a olha curiosa.

- Som alto, óculos 3D que cansam a vista e pegação do lado... Passei dessa fase.

- Pegação? – pergunto ciente que sua resposta será

uma gracinha.

- Sim, pegação... Beijos barulhentos e nojentos, me pergunto como vocês jovens conseguem fazer barulho. Beijo é algo pessoal. Um carinho entre duas bocas, uma dança entre duas línguas. Não um desentupidor de pia, caceta.

- Meu Deus, eu não estou ouvindo isso. – Gabi olha para fora da janela rindo.

- Não me diga que você faz isso, cara feia de fome. Faz?

- Me recuso a te responder.

- Quem cala consente. – penso e digo alto, o que a faz me olhar surpresa.

- Viu, até ele entendeu a sua.

- Não sei porque ando com vocês.

- Porque nos ama e porque gosta do serumaninho aqui – aponta para mim – Quantos anos você tem, falando nisso? Minha mãe falava que eu poderia arrumar um homem mais velho se a diferença fosse de cinco anos no máximo.

- Vinte e sete.

- Hum – diz pensativa – Três anos, está bom.

Automaticamente registro isso na mente, três anos de diferença, sinal que ela tem vinte e quatro anos. E óbvio, não deixei passar a parte que gostar de mim. Isso meio que me encoraja a chamá-la para sair.

- Então, aceita ir ao cinema ou irei sozinho? – pergunto a Gabrielle.

- Vou se me deixar escolher o filme – propõe.

- Desde que não seja aqueles idiotas e romantizados, está liberada – digo.

- Annabelle 2 – sorri de lado.

- Estou apaixonado. – finjo cara de apaixonado, se é que isso existe.

- Quero novidades – Malvina rola os olhos – Papo está bom, mas hoje desço em Deodoro – se levanta e para à nossa frente – Usem camisinha e não se esqueçam de me mandar o convite do casamento... E você mocinho, pague a conta e a leve em casa.

- Sim, sargento.

PERIGOSAS ACHERON

- Até amanhã, velha rabugenta – Gabi se despede dela a dando um beijo no rosto. Por uns segundos, vejo um sorriso de lado surgir na boca da futura vó dos meus filhos. Mas foi algo tão rápido que tenho dúvida se não foi algo da minha cabeça.

A observo sair do vagão quando o trem para na estação e abre a porta, pessoas entrando e outras saindo.

- Não ligue para o que ela diz. – Gabrielle fala.

- Não ligo. Então, nos encontramos no cinema?

- Sim, claro... de onde você é ?

- Nova Iguaçu e você? – pergunto já sabendo a resposta.

- Queimados.

Depois de duas estações, termos combinamos certinho onde nos encontraríamos e termos dado o número de celular um para o outro, voltei a trabalhar para lhe dar espaço e tirar uma grana extra para esse passeio.

Quando chegou em sua estação, faço o que sempre fiz, fico na porta do vagão, do qual estou a observando de longe. Só que hoje, ao contrário dos

outros dias que sentia um vazio, sinto algo diferente. Um diferente bom que me faz sorrir.

Eu tenho um encontro.

Epílogo

Gabrielle

- Oh não, não, não - corro para entrar no trem, antes que as portas se fechem.

- Vai Gabiiiii!!! - os vendedores torcem por mim o que me faz rir e quase tropeçar, mas me recupero e corro o mais rápido que posso e consigo entrar.

- Eu... Eu... Eu consegui - sorrio comigo mesma.

Na hora que ia fazer uma dancinha da comemoração, a voz de alguém me para.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Tem certeza? - Rodrigo pergunta sentado ao lado da Malvina, na fileira de banco do outro lado, em minha frente. Ele acena para a porta atrás de mim, pela qual acabei de entrar uns segundos, antes dela se fechar.

- Merda - resmungo.

- Não foi dessa vez criança - Malvina diz entre risos.

No dia em que conheci eles, foi minha bolsa que ficou presa. Hoje foi meu sobretudo jeans desbotado, novinho, o usei apenas uma vez antes de hoje, que foi em minha última saída com o Rodrigo há dois dias.

- Ajuda? - ele vem até mim sorrindo docemente.

- Aceito.

Para minha tristeza, o casaco sai todo manchado de graxa preta e poeira.

- Você não tem ideia do quanto estava torcendo para ver isso de novo - Malvina comenta rindo, quando me sento no lugar onde o Rodrigo estava.

- Isso, torcendo pela desgraça dos outros - comento triste alisando meu casado sujo.

PERIGOSAS ACHERON

- Te dou outro, depois - Rodrigo se agacha à minha frente - Se machucou?

- Não - sorrio ao ver sua preocupação - Oi.

- Oi. - ele tira uma mecha de meu rosto e coloca atrás de minha orelha - Linda.

Abaixo a cabeça envergonhada, desde o nosso segundo encontro ele tem me chamado assim, assumo que gosto, mas dá uma vergonha danada. Sinto aquelas coisinhas que lemos em romances bobinhos, sabe?

Friozinho na barriga, coração disparado, sorriso bobo (idiota).

- Pegou nossas fotos? - pergunta se levantando.

- Sim - abro minha bolsa para pegar a sacola com nossas fotos que revelei e justo no momento que pego em mãos, o trem da uma freada de leve, mas que é suficiente para que eu deixe todas as fotos cair no chão - Ô merda.

- Menina, você não muda. - Malvina gargalha ao meu lado.

Para minha sorte, o trem não está lotado. Rodrigo cata cada foto do chão, uma está perto dos meus

pés. É justo a que mais gostei de nossa sessão caseira de fotos, onde ele está segurando um buquê nas costas e eu o olhando com expectativa de ser chocolate.

Esse dia foi lindo, chamei uma amiga fotógrafa para registrar tudo em um cenário que combinava com nossa história. O convenci se vestir meio "romantizado" como nos filmes que ele não vê comigo, nem que o paguem.

- Linda - minha segunda mãe pega a foto de minhas mãos - Até que vocês fazem um casal bonitinho.

- Isso foi um elogio? - pergunto fingindo espanto - Estamos evoluindo hein?

- Não força - me devolve a foto e pega as outras da mão do Rodrigo - Quando é o casório?

- Um passo de cada vez. - digo.

- Ano que vem, isso se ela não ter uma crise de tosse na hora que tiver que falar sim e parar no hospital como fez no pedido de namoro. - ele a responde rindo.

Sim gente, eu parei no hospital... Estávamos numa lanchonete famosinha na praça na minha cidade,

tudo estava maravilhoso até ele me pedir em namoro do nada. Justo no momento que estava comendo o hambúrguer, me engasguei - óbvio - entre tosses e mais tosses, começou a sair sangue.

Na hora me apavorei, passou pela cabeça pneumonia, tuberculose, câncer do pulmão ou algo mais grave. Graças a Deus não era nada disso, eu tinha uma pequena ferida na garganta que sangrava ao tossir.

- Você pediu do nada. - me defendo chateada, só que por dentro gritando de alegria. Às vezes penso que estou em um sonho com ele.

Quando saímos juntos pela primeira vez, fomos ao cinema, tudo foi maravilhoso, tirando meus micos. Um deles foi a do balde de pipoca, que deixei cair no chão.

Não nos beijamos e nem agimos já esperando algo de nossa saída, só curtimos um ao outro, rimos e desabafamos e a coisa fluiu... Fluiu tanto que estamos há um ano e cinco dias juntos já.

- Quem diria que encontrariam o amor da vida um do outro dentro do Japeri. - Mal comenta rindo -

Bela história para contar para os filhos.

- Quando menos se espera, as coisas acontecem - Ro diz.

- Fico feliz por vocês dois - ela sorri para mim e para ele - Espero estar viva até o dia de os ver se casando e quem sabe, se tornando pais.

- Você verá - pego sua mão e dou um beijo - E será uma avô maravilhosa.

Seu sorriso se alarga o que me deixa aliviada e feliz, sei que não tem filho e nem é casada, mora sozinha. Por mais que ela fale que se acostumou, sinto que às vezes ela sente falta de ter uma família. E nesse tempo pegando trem junto com ela, saindo para se divertir e indo em sua casa para ver Titanic, ela se tornou uma mãezona para mim.

- E vocês pais, maravilhosos.

- Não é querendo ser insensível não, mas podemos deixar essa de filhos para depois de dois anos de casado ? - Rodrigo pede coçando a nuca.

Sua insegurança na certa vira uma deixa para Malvina implicar e ambos chamarem um ao outro por apelidos que odeiam.

- Medroso.

- Rabugenta.

- Lerdo.

- Velha.

- Opa, parem... Acho que não aguentarei ter mais uma criança. Você - aponto para ele - Vá trabalhar e você - aponto para ela - Me ajuda a separar as melhores fotos para fazer um book lindo.

- Te amo - ele me dá um beijo casto, pega sua bolsa com a caixa de isopor e sai gritando pelo vagão, vendendo suas bebidas. Sorrio, e ele achando que isso me faria desistir dele. É trabalho também, então por que se envergonhar?

- Não sou de dizer essas coisas, mas também te amo, cara de fome. - Malvina diz olhando as fotos.

- Também te amo, velha rabugenta - sorrio.

Quando você menos espera, encontra o amor de sua vida que acima disso é seu melhor amigo. E às vezes, encontra uma grande amiga que se torna sua irmã ou mãe do coração.

É como o grande William Shakespeare disse :

"*Quando o amor é sincero ele vem com um grande amigo, e quando a amizade é concreta ela é cheia de amor e carinho*".

Então, pare de sonhar e ansiar pelo homem de sua vida.

Quando menos se espera, as coisas acontecem.

Fim

Agradecimentos

Aquela parte que se der mole fica maior que a própria história, pois é tanta gente a agradecer. Mas não poderia começar sem ser a Ele que me deu esse

“dom” de poder criar histórias e personagens apaixonantes... Obrigada, Meu Deus.

Mãe, pai, sou imensamente grata em ser filha de vocês. Obrigada por não tentarem me impedir nesse caminho da escrita, pelo contrário, só me incentivam cada vez mais.

Obrigada a cada amigo que aposta todas fichas em mim. Especialmente, Gabrielle, minha inspiração para essa história. *Amiga, obrigada.*

E por último, não menos importante, Regiane (R.M. Cordeiro) que além de autora maravilhosa que admiro, virou uma grande amiga, obrigada por tudo.

Obrigada a você que leu até aqui, nosvemos no próximo conto/livro ù